



**SER MÓVEL-SER FIXO-SER MÓVEL - UMA QUASE CANÇÃO EM SURDINA:
PROF. HEINZ DIETER HEIDEMANN**

**BEING MOBILE-BEING STAADY-BE MOBILE - A ALMOST UNKNOWING SONG:
PROF. HEINZ DIETER HEIDEMANN**

**SER MÓVIL-SER FIJO-SER MÓVIL - UNA CASI CANCIÓN EN SURDINA:
PROF. HEINZ DIETER HEIDEMANN**

Alexandrina Luz Conceição

Professora Emérita da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO)
da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais
(GPECT - UFS)

E-mail: aluzcon@hotmail.com

RESUMO:

Falar do Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann é estabelecer uma caminhada de uma vida marcada em duas dimensões: como um andarilho, sua condição intrínseca de imigrante; e sua paixão pela literatura de Guimarães Rosa. Pequenas e grandes marcas sinalizam sua singularidade. Embora abraçasse uma diversidade de disciplinas, o seu objeto de paixão da teoria e pesquisa de campo sempre foi o tema migração. Migrante fixo, mas sempre móvel, desde criança sente a dor dos que são movidos pela avidez do capital. O ponto de encontro do seu pensar tem eco nos escritos analíticos de Robert Kurz: possibilitando um pensar diferenciado pela crítica radical da negação de qualquer perspectiva emancipatória iluminista da modernidade. Dieter Heidemann, em todas suas publicações, expõe à crítica a visão utópica iluminista do caráter emancipatório do Estado. O que mais apaixona da e na sua capacidade de Ser e Pensar é sua condição do diferente, com diversas marcas que indicam a sua singularidade, despertando o desejo de o conhecer.

Palavras-chave: imigração; crítica radical; diferença; singularidade.

ABSTRACT:

To talk about Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann it is needed to establish a two dimensions life journey: As a drifter, his intrinsic alien condition, and his Passion for Guimarães Rosa's literature. Small and large details show his uniqueness. Even though he'd embraced a diversity of disciplines, his passion has always been the subject of Migration. He was a steady drifter, but once he had always moved, since childhood he felt the pain of those who are moved by the greed of capital. The matching point of his thinking echoes in Robert Kurz's analytical writings: enabling a differentiated thinking by the radical critique of the negation of any enlightening emancipatory perspective of modernity. Dieter Heidemann have exposes the criticism the Utopian Enlightenment vision of the emancipatory character of the State in all his publications. What is most passionate about him is the ability to be and think is own condition of the different, with several eminences that indicate his uniqueness, arousing the desire of knowing him.

Keywords: immigration; radical snipe; difference; singularity.

RESUMEN:

Hablar del profesor Dr. Heinz Dieter Heidemann es establecer un caminar de una vida marcada en dos dimensiones: como un caminante, su condición intrínseca de inmigrante, y su pasión por la literatura de Guimarães Rosa. Pequeñas y grandes marcas señalan su singularidad. Aunque abrazó una diversidad de disciplinas, su objeto de pasión teórica y por la investigación siempre fue el tema migración. Migrante fijo,

pero siempre móvil, desde niño siente el dolor de los que son movidos por la avidez del capital. El punto de encuentro de su pensamiento tiene eco en los escritos analíticos de Robert Kurz: possibilitando un pensamiento diferenciado por la crítica radical de la negación de cualquier perspectiva emancipadora iluminista de la modernidad. Dieter Heideman en todas sus publicaciones expone a la crítica la visión utópica iluminista del carácter emancipador del Estado. Lo que más apasiona en su capacidad de Ser y Pensar es su condición de lo diferente, con diversas marcas que indican su singularidad, despertando el deseo de conocerlo.

Palabras clave: inmigración; crítica radical; diferencia; singularidad.

Ao tomar posse, no dia 20 de dezembro de 1945, no cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em seu pronunciamento, Guimarães Rosa afirma:

Devo explicar-me. De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, «para mais amar e servir o Brasil, mistér se faz melhor conhecê-lo»; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica¹.

Estas palavras expressas por Guimarães Rosa dão a medida exata para que se possa falar do Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann. Talvez possa ajudar a entender o porquê, ao se aposentar da Universidade de São Paulo/USP, ele decide residir definitivamente no Morro da Garça, atendendo ao “Recado do Morro”². Sinal de proximidade e carinho que permite ser conhecido por Nhô Dito pela comunidade local.

O Povoado Morro é também conhecido como o Morrão, denominação dada pelos moradores da localidade por ser a maior elevação rochosa da região. “[...] serviu ao longo dos últimos três séculos como um guia para os viajantes, tropeiros e comitivas de gado. A fazenda da Garça servia de local de descanso aos viajantes, e era último reduto de repouso no caminho entre Bahia e as minas de ouro de Sabará”³.

¹ <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002> Guimarães Rosa toma posse, no dia 20 de dezembro de 1945, no cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Em seu pronunciamento, publicado originalmente na **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro (Tomo LIII, 1946, p. 96-7).

² **O Recado do Morro** é um dos contos que compõe o segundo livro *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa. Narrativa que descreve uma viagem de ida e volta pelo sertão, partindo de uma região central de Minas em direção ao norte até o Rio São Francisco. “A história ilustra o mundo sem lei. No sertão, vigora a regra, e não a lei - a regra da aliança e da vingança. Para o autor, estão em jogo ali novamente os destinos da civilização e da cidadania brasileira”. <http://www.passeiweb.com/estudos/livros/o_recado_do_morro_conto>

³ História do Morro da Garça. <<http://www.circuitoguimaraesrosa.com.br/novo/historico-de-morro-da-garca/>>

Sua Paixão pelo Morro da Garça é traduzida em palavras poéticas: “Chegar por meio da literatura, buscando um morro que é personagem de um conto, de uma estória inventada, ou nascer ali: visões diferentes, fortes, emocionantes, que geram amizades, projetos e brincadeiras”⁴.

Nhô Dito deixa a cidade de São Paulo para fugir do capitalismo de consumo, da paisagem do espetáculo, com seus cafés, restaurantes, gás neon, teatro e purpurina, onde a festa diária esconde a miséria cada vez mais transparente.

Como um autêntico roseano, sua Paixão foi se tornando intensa ao participar ativamente do Grupo de Estudos sobre Guimarães Rosa, e no convívio com a Companheira Marily da Cunha Bezerra, que possibilitou uma maior afinidade afetiva e eletiva de encantamento de vida e da obra de Guimarães Rosa.

É encantado como Marily, que juntos afirmam: “Aquele lugar nos esperava? ... Lá estava o Morro da Garça, solitário, sob o olhar de uma população de três mil pessoas que nunca tinham lido Guimarães Rosa e nem sabiam que seu morrão era famoso. Mas o morrão é deles, os viu nascer e acompanha a vida daquele lugar desde sempre”⁵.

Mas ele questiona a condição do seu morar: “E o morro que nos encanta, que vemos da janela da nossa casa sertaneja é o mesmo que vêm os vizinhos morrogarcenses?”⁶

Como um andarilho, tem a consciência de ser migrante e tem a resposta do seu questionamento: “Sabemos que não, que a paisagem é dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por nossa memória individual, por mais coletiva que possa ser”⁷.

O antigo migrante nascido no dia 19/04/1946, em Mülheim-Ruhr, no grande centro industrial do “Vale de Ruhr”, onde se situam as minas de carvão, e a presença das grandes Siderúrgicas (Krupp, Thyssen, Stinnes) atende ao Recado do Morro por duas dimensões: sua condição intrínseca de imigrante e a paixão por Guimarães Rosa.

Vivendo desde pequeno no Vale do Ruhr, Heinz Dieter Heidemann conviveu com vários imigrantes, principalmente Poloneses, em um período marcado pela reconstrução do pós-guerra até o “milagre econômico”. Após a Segunda Guerra, o Vale ficou sob o controle dos americanos, britânicos e franceses, que impõem uma política de restrições da produção e controle de preços. Os mineradores viviam em situação de moradia e alimentação de péssimas condições. O objetivo era o de eliminar as indústrias bélicas do Vale com o objetivo de transformar a Alemanha em um país agrícola (Plano Morgenthau), colocando a reconstrução da Alemanha a passos muito lentos.

⁴ <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002>

⁵ <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002>. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta: **Estudos Avançados**, vol. 20, n.º 58. São Paulo, Sept./Dec. 2006.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.



Devido às perdas sofridas com a Segunda Guerra, sobretudo no sistema de transporte, foi necessário repor a produção de carvão, aço e ferro. Só a partir do ano de 1848 é que inicia o processo de recuperação através das reformas, monetária e de liberação dos preços e salários⁸, intensificando a migração para o Ruhr, com a vinda de Poloneses, Italianos, Turcos, Espanhóis e Portugueses. Este convívio marcará sua vida na luta pelo imigrante, situação de exploração da sua força de trabalho.

Entre 1952 e 1966 frequentou a Escola Fundamental e o Colégio Humanística, no Vale do Ruhr. Depois de cumprir o serviço militar e trabalhar na Marinha Mercante, em 1969, entra na Universidade de Marburg, nos cursos de Geografia e Letras (Germanística).

As Minas Gerais, nas suas veredas, realizou o prazer do amante estudioso da Paisagem, aproximando-se e enraizando-se na Comunidade do Morro. Nhô Dito⁹ é talvez a melhor forma pela qual os moradores locais conseguem demonstrar seus afetos e pronunciar o seu nome. Fato que ficou claro quando o vi pela primeira vez no I Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, realizado em Aracaju-Sergipe, no qual aquele Professor Alemão que eu não conseguia pronunciar o nome corretamente trazia para mim o diferencial que, em uma década e meia, desde a minha entrada no curso de geografia, eu esperava encontrar, desde os tempos da “dor” de um corte estabelecido nos tempos sombrios que frequentei a Faculdade de Ciências Humanas no Curso de Geografia/SE, no período da ditadura militar, nos anos de 1970.

Ao vê-lo, em 1985, no Encontro Nacional de Prática de Ensino/UFS, contrapondo-se à leitura neopositivista da geografia, com seu jeito aparentemente simples, mas por convicções da crítica, ele representou a primeira chamada da possibilidade de meu possível retorno à Academia. Ao final do evento, tivemos um encontro muito rápido no qual ele convidou-me para conversar. Nessa direção, o resultado foi, embora lento, a busca da certeza e a concretização de meu retorno à Academia.

Entre o conhecer e o reconhecer, fomos aos poucos encontrando identidades que fortaleceram nossa amizade eletiva e afetiva. Através do seu olhar, fui aos poucos apresentada a uma nova dimensão do pensar a geografia, com o mix dos ingredientes dos condimentos do prazer que me passou, o de ter de cozinhar, que eu me opunha. Dieter Heidemann ensinou-me a dar um outro significado aos temperos e condimentos através da narrativa do amor à cozinha das lembranças do seu Avô (sua grande Paixão). Desses bons papos descontraídos, resultou o meu primeiro e único Caderno de Receitas, ilustrado com frases de Marx. Da(s) Afinidade(s) Eletiva(s), foi-se consolidando uma relação de afeto como Amigo, Professor, Orientador no Mestrado e Doutorado.

⁸ <https://mises.jusbrasil.com.br/noticias/126537213/como-se-deu-o-milagre-economico-alemao-do-pos-guerra>

⁹ **Nhô**: Forma reduzida de sinhô; ioiô, senhor.

Fez sua graduação em Geographie, Germanistik - Philipps-Universität, Marburg (1975). Em 1971, estudante de graduação, foi bolsista um ano na América Latina, particularmente no Brasil, em São Paulo, na USP. Realizou, em 1977, viagens e participou de Congressos em Cuba e México. Além disso, realizou seu Doutorado na Philipps-Universität, Marburg, em Geografia (tendo a Sociologia e Romanística como áreas complementares), concluindo em 1980. Durante seu Doutorado, passou um ano (1976) como bolsista no Departamento de Economia do “Instituto Joaquim Nabuco”, preparando a pesquisa de campo da sua Tese, onde terminou seus estudos com a Monografia sobre Migrações Portuguesas para Alemanha.

Depois da conclusão do Doutorado, aceitou, em 1981, o Convite do Prof. Manuel Correia de Andrade para atuar como professor visitante na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia, lecionando as disciplinas História do Pensamento Geográfica, Migrações e Relação Campo-Cidade. Orientou quatro Dissertações de Mestrado, sendo três em Geografia e uma na Sociologia.

Durante o período que viveu em Pernambuco, é marcante o seu diferencial ao escolher residir em Olinda, e não Recife. Pequenas e grandes marcas me deram a certeza dessa sua singularidade.

Nascido, como sempre dizia, sob o signo da Paixão, Dieter Heidemann contrapõe-se à visão da normalidade do cotidiano nordestino, rompendo, sem apresentar sectarismos, em seus passos lentos de grande observador, na cadência do seu cachimbo, a marca indelével do migrante.

Paixão. [...] não apenas como um acontecimento – simples complemento do mundo - ou fonte de prazer e angústia, alegria e tristeza [...], mas como ‘também afirmação de liberdade’. [...] com a paixão, pode-se realizar uma reflexão por inteiro, uma vez que ‘espírito e corpo são uma só e mesma coisa’ (NOVAES, 2006, p. 12).

Quantos te entenderam? Quantos compreenderam a identidade dos seus afetos e das suas ideias? De certa forma, essa responsabilidade não é apenas do Outro, mas também do próprio Professor Dieter, que tinha como preferência conhecer pelo Olhar. “Olho poderoso”. Olhar que “expõe no e ao visível nosso íntimo e o de outrem”. [...] “Porque cremos que a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora” (CHAUÍ, 2003, p. 33).

Olhava mais do que falava. Perscrutava com o sentimento do querer dar ao Outro a certeza de que esse era capaz. Ou por omissão, talvez por preferir secar as palavras das tempestades da indiscrição. Olhar que observa, que “[...] recebe passivamente, com prazer ou desprazer, contanto que estejam abertos” (BOSI, 2003, p. 67).



Entre 1970 a 1980, ministrou aulas na Universidade Popular na área de “Alemão para Estrangeiros”, para alunos trabalhadores de Portugal, Turquia e Itália. Paralelamente, coordenou o “Centro Cultural Português” na vizinha Stadt Allendorf, organizando seminários, excursões e diversas atividades culturais, teatrais e cinematográficas.

Fez concurso na Universidade Federal de Sergipe/UFS, em 1983, onde permaneceu até 1989. Assumiu a direção da Revista GeoNordeste, de 1984 a 1985. Foi professor na Graduação, marcando o debate da crítica marxista, o que possibilitou o surgimento de contraposições ao fechamento acadêmico enquadrado naquele contexto pela forte influência da militarização que as Universidades viviam face às fortes determinações impostas pela Ditadura Militar. No Núcleo de Pós-Graduação de Geografia da UFS orientou quatro Dissertações de Mestrado, entre as quais fui uma privilegiada.

Em 08 de novembro de 1985, foi designado diretor do Centro de Atividades de Extensão (CECAC) da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Sergipe (UFS), através da portaria de nº 431, de 08/11/1985, até 24 de novembro de 1988. No período em que foi diretor do CECAC, substituiu o Pró-Reitor de Extensão em algumas ocasiões. As substituições ocorreram entre janeiro de 1986 e agosto de 1988.

Entre 22/08/1986 e 12/09/1986 esteve afastado das atividades da Universidade Federal de Sergipe, devido à viagem para conferência Regional dos Países Mediterrâneos em Barcelona – Espanha com ônus do CNPQ.

Ainda enquanto foi professor na UFS, ministrou o curso em História do Pensamento Geográfico na Alemanha, por duas vezes, na Pós-Graduação de Geografia da USP, no período de outubro, novembro e dezembro de 1988 e entre 16 de dezembro de 1988 a 15 de janeiro de 1989.

Durante o período que foi docente na UFS, esteve à frente do Núcleo de Cultura Alemã (NUCA), oferecendo cursos de língua alemã e multidisciplinares em Cursos de Férias para Estrangeiros. Após concurso na USP, parte para São Paulo, em 1989, para assumir outros ares, deixando o lado nordestino alemão e uma grande ausência do debate marxista.

De 1989 a 2016, foi professor até sua aposentadoria, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo/USP. Tendo sido Professor de várias disciplinas. Das quais, na Pós-Graduação: História do Pensamento Geográfico; Migração e Mobilidade do Trabalho; Geografia e Literatura; e Paisagem. Na Graduação: Fundamentos Econômicos, Sociais e Políticos da Geografia; Geografia da População; Geografia Humana e Econômica; Geografia Humana, Geral e do Brasil; Geografia Regional do Brasil; Geografia Social; Geografia Social e Política; História do Pensamento Geográfico; Iniciação à Pesquisa em

Geografia; Técnicas de Campo e de Laboratório em Geografia; Teoria e Método em Geografia I e II; Trabalho de Campo I e II; Migrações e Trabalho.

Embora abraçasse essa diversidade de disciplinas, o seu forte, o seu objeto de paixão da teoria e pesquisa de campo sempre foi o tema Migração. Migrante fixo, mas sempre móvel, desde criança sente a dor dos que foram movidos pela avidez do capital. Como intelectual, sente a obrigação de colocar no papel a dor da humilhação, da luta dos deserdados.

Um dos textos que tenho forte lembrança no mestrado e que foi marcante para minha aproximação aos estudos de Migração foi escrito em 1984, na visão crítica e na reflexão do fato, a partir da totalidade das relações capitalistas de produção, afastando-se do estudo de caso e compreendendo a situação da força de trabalho no campo nas diferentes escalas geográficas. “A volta do Pau-de-Arara como veículo de homogeneização do mercado mundial. A Contribuição da Migração de Retorno para o Desenvolvimento Regional do Sertão Nordestino”. Em um contexto em que falar sobre a crítica do valor era exceção, a sua análise dialética indicava a leitura das contradições. Como ele afirma (1984, p. 47): “Mas o Sertão nordestino, ‘campo de concentração’ da propriedade da terra, de posse d’água e de renda, é também uma área de migração de retorno”. Motivos como analisava “induzidos pelo fetiche da mercadoria podem esclarecer questões da ‘ideologia’ da volta e da ‘seletividade’ da migração de retorno” (ibid, p. 49).

A clareza da sua análise no entendimento da totalidade foge do senso comum analítico da migração como consequência da seca no sertão, e afirma: o migrante de retorno “desenvolve as suas ambições cada vez mais em torno de dinheiro, afastando-se desta maneira dos valores de uso e orientando-se pelo valor de troca” (ibid).

O DIFERENTE

Sempre estive à frente de uma Guerrilha silenciosa da desobediência, favorecida talvez pelo direito à diferença da sua condição de migrante. Está no entendimento do Professor Dieter que “o caráter destrutivo não está nem um pouco interessado em ser compreendido. Considera esforços, nesse sentido, superficiais. Ser mal compreendido não o afeta”. (BENJAMIM, 1995, p. 236).

É nas passagens benjaminianas que encontra eco a sua aproximação na crítica radical por ter clareza que o caráter destrutivo é “[...] a necessidade de que o ar fresco e espaço livre é mais forte que todo ódio” (BENJAMIM, 1995, p. 236).

Mas o ponto de encontro do seu pensar tem eco nos escritos analíticos em Robert Kurz:



A crítica não pode, porém, deixar-se levar apenas pelo ‘ódio visceral’; deve legitimar-se novamente em seus fundamentos e do ponto de vista intelectual. Mesmo quando se serve do conceito teórico, isso não significa nenhum vínculo retrogressivo com os padrões do próprio esclarecimento, senão que, inversamente atende apenas à necessidade de destruir sua autolegitimação intelectual. Não se trata de dar, à maneira esclarecida e em nome de uma abstrata razão repressiva (ou seja, em oposição ao bem estar do indivíduo) rédeas curtas aos afetos, mas ao contrário, de rebentar a legitimação intelectual dessa moderna autodomesticação do ser humano” (KURZ, 2010, p. 39).

Nessa perspectiva, Dieter vai escavando o diferente. “O caráter destrutivo deixa que o interpretem mal. Ele não fomenta o mexerico. **O caráter destrutivo tem a consciência do homem histórico**¹⁰. “Esta “certeza” o faz aproximar-se com fraternidade do Robert Kurz e do Grupo Krisis. Assim é que nos anos de 1990 dá início sua participação ativa no “Grupo de Estudos Permanente” sobre a obra de Robert Kurz do qual resultaram orientações de várias dissertações e teses¹¹. Dessa longa caminhada, reproduzo em síntese a sua fala¹²:

Somos um grupo de estudos dedicado à obra do autor ao longo dos últimos dezenove anos, desde 1993, não podemos deixar de lado uma sensibilidade e empatia pessoal. Tivemos diversas oportunidades de partilhar com Robert Kurz, no Brasil e na Alemanha, a experiência do debate vivo e isso agora não pode mais ser feito. Os seus textos ainda podem ser lidos e podem nos trazer muitas questões conforme discutiremos abaixo, mas fica a sensação de grande vazio para quem pôde experimentar a vivacidade com que Kurz respondia à realidade em nossos diálogos. Com Kurz estivemos em alguns seminários dos grupos Krisis e Exit!, fizemos trabalhos de campo pela Alemanha e pelo Brasil.

Experiência que foi e continua possibilitando um pensar diferenciado presente pela crítica radical, rompendo com esquemas fechados de leituras, tendo como fundamento os escritos de Roberto Kurz, subsumidos nos fundamentos da negação de qualquer perspectiva emancipatória iluminista da modernidade.

Ao chegar para cursar meu Doutorado na USP, em 1996, minha frequência no Laboratório de Urbana (LABUR) torna-se obrigatória, com o brilho da possibilidade do aprofundamento teórico, e neste, à tarde, principalmente da quarta feira, era reservada à leitura em grupo do livro O Colapso da Modernização de Robert Kurz. Acompanhei a leitura deste livro com a certeza da

¹⁰ Destaque nosso.

¹¹ Em abril de 2004, o grupo Krisis sofre uma cisão, e Robert Kurz, Roswitha Scholz e Claus Peter Ortlieb criam um novo grupo, em torno da revista EXIT! – Kritik und Krise der Warengesellschaft.

¹² Entrevista com Ricardo Antunes, da Unicamp, e Dieter Heidemann, junto com membros do Grupo de Estudos de Crítica ao Valor-Cisão, da USP, sobre o legado da obra e do pensamento de Robert Kurz. <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4598&secao=400>

necessidade premente da crítica radical da evolução do sistema capitalista, do limite do capital face ao novo padrão de produção. Estava óbvio o entendimento de que: “Na economia de mercadorias capitalista, em que a força de trabalho é uma mercadoria entre muitas, a anarquia da vida econômica conduz a situação de que a força de trabalho fica paralisada com seus proprietários primitivos, os trabalhadores: acontece um aumento do desemprego” (KURZ, 1993, p. 121).

A crítica radical trouxe o debate da crise do socialismo da União Soviética e dos países do leste Europeu, desfetichizando a ideia da libertação da ilusão da sociedade de trabalho, como definição positiva, do colapso dos mercados planejados. Para o referenciado autor: “socialismo real tinha que fracassar em sua própria irracionalidade interna, na forma-mercadoria levada ao extremo do absurdo e na relação insustentável com o exterior, na qual esta se realizava de forma negativa” (ibid, p. 152).

Por duas gestões, foi Coordenador do Laboratório de Geografia Urbana/LABUR/FFLCH/USP/DG, 1/1991 - 1/1992; 2/1998 - 2/2000, e de 1/1996 - 1/1998 foi Vice-Coordenador do LABUR.

O “Bola na Sexta”, durante o período que esteve na frente do LABUR, foi intensamente vivido com a mistura do entendimento de que, como afirmou Guimarães Rosa, dava-se pelos caminhos da poesia, da emoção poética¹³. Assim é que nos deleitávamos lendo em alta voz, no grupo, o livro “Afinidades Eletivas”, de J. W. Goethe.

É no LABUR que seus participantes, sob a coordenação de Dieter Heidemann, fizeram a tradução e publicação do livro: “O Manifesto Contra o Trabalho” (1999). Ali, pautam reflexões sobre a crítica do valor e discussões teóricas da produção fetichizada do espaço, a partir das análises do Grupo Krisis, no debate da superação do fetichismo trabalho.

Robert Kurz esteve presente em várias ocasiões na USP e no LABUR. É no LABUR que foram desenvolvidos diversos debates da crítica do trabalho, do poder totalitário na sociedade moderna em crise. A crítica radical ao Estado e ao mercado está presente em todos os escritos das publicações do Grupo Krisis.

Dieter Heidemann, em todas suas publicações, expõe à crítica a visão utópica iluminista do caráter emancipatório do Estado. Debate que ele irá trazer pela primeira vez para dentro da geografia no Encontro Nacional dos Geógrafos/ENG/1996, em Recife. Estado e Mercado são postos como um sistema híbrido, no qual “o mercado é o responsável pela sujeição dos homens “a ‘ditadura muda’, do dinheiro e da rentabilidade econômica” (KURZ, 1997).

¹³ Referencio as palavras de Guimarães Rosa citadas na Introdução do texto.



Foi também nos anos de 1990, Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB seção São Paulo, assumindo como editor de 1994 a 1996, o Boletim Paulista de Geografia.

Na frente do Departamento de Geografia da USP, foi Membro do Conselho e Vice-chefe do DG, esteve à frente na Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas (FFLCH) e Presidente da Comissão de Cultura e Extensão da FFLCH.

Teve ativa integração no Serviço Pastoral de Migrantes (SPM/CNBB), participando como membro do Conselho Editorial da Revista “TRAVESSIA”. E em 1999, organizou o Congresso “Mobilidade, Migrações” com a União Geográfica Internacional (UGI), no FFCLH/USP.

Destaco a sua atuação como Vice-Diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) entre 2002 e 2006, principalmente pela investigação e organização do “Dossiê AGB” do acervo de Caio Prado Jr., constituído por trezentos documentos relativos ao período de 1934 a 1935. “Além do livro de Atas consiste de correspondências, originais dos primeiros quatro números da Revista Geografia.” (INUMATTI; SEABRA; HEIDEMANN, 2008). O Dossiê foi complementado pela reprodução integral dos Documentos em CD, conjunto documental organizado, descrito e comentado para pesquisas, reflexões críticas da produção do conhecimento¹⁴. Resultou também na publicação do livro: Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (2008).

Com Marily da Cunha Bezerra, sua companheira e estudiosa, apaixonada por Guimarães Rosa, Dieter Heidemann publica o Ensaio: “Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta!”¹⁵ (BEZERRA, HEIDEMANN, 2006), coordenando a “Oficina Guimarães Rosa” e o Seminário Internacional “50 anos Grande Sertão: Veredas”.

Além dos trabalhos registrados neste referente texto, vários outros podem ser identificados no seu currículo lattes: Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5563544748991538>.

Destaco as publicações: “Os Migrantes e a Crise da Sociedade do Trabalho. Humilhação secundária resistência e emancipação” (HEIDEMANN, 2004). Texto apresentado no III Fórum Social Mundial/2003. Fica explícita a intensa preocupação com o crescimento das migrações no Brasil e no mundo, “[...] Estamos vivendo em um mundo repleto de migrantes e refugiados, numa atmosfera de precariedade e cinismo, oportunismo e medo” (ibid, p. 25).

Afirma o autor:

Paradoxalmente, essa parcela crescente da humanidade nem pode imaginar uma outra forma de existência. No atual estado das relações globais, a maior parte do mundo torna-se supérflua. Em várias das antigas economias nacionais, as

¹⁴ Ibid, p. 11.

¹⁵ <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002>.

populações ganham **status**¹⁶ de mendigos e vagabundos, que nem vivem nem morrem. Mas apesar disso, essas populações, mobilizadas e flexibilizadas na famigerada globalização, permanecem presas à forma moderna do sistema produtor de mercadorias e à sua própria forma de sujeito sujeitado (ibid, p. 27).

Sustentado no debate teórico da crise e crítica da sociedade do trabalho, do colapso da modernização, afirma:

[...] o ímpeto do capital de valorizar toda a força de trabalho não-rentável se cansou; de outro, milhões e milhões de ‘supérfluos’ desenvolvem seu ímpeto de migrar para os centros que provocaram sua miséria. [...] Os migrantes não constituem mais um ‘exército industrial de reserva’, mas sim, integram um ‘lixo social de difícil reciclagem humanística (ibid, p. 28).

Dieter Heidemann tem a clareza de que modernizar é mobilizar. A mobilização forçada é resultado da modernização: “[...] Qualquer tentativa de modernizar tardiamente traz consigo mais processos de mobilização forçada” (ibid, p. 36).

Dos textos publicados, considero a expressão de sua história *Eppur-si-muove* (HEIDEMANN, 2015). No seu artigo *EPPUR SI MUOVE*, Heidemann afirma:

Apesar de tudo isso: a terra está em constante movimento, "eppur se muove". Os migrantes têm informações sobre todos os horrores e ódios, mas a avalanche de migrantes desesperados (mas com esperança) não cessa. Contam com sorte individual e subjetiva. São negativamente livres dentro de um invólucro destrutivo de um sistema social.

Por que tudo isso? Será que basta dizer que o ser humano é inquieto por natureza? Podemos falar de uma mobilidade humana (para diferenciar as migrações do voo das andorinhas? Ou para dizer que migrantes também são seres humanos? É para lembrar uma condição humana trans-histórica ou para rever os conceitos do humanismo renascentista?) ou trata-se de mobilizados por uma "mão invisível" das regras do mercado e da concorrência? Humano ou social, universal e global? Nem as ondas de movimentos migratórios, nem as guerras geopolíticas contemporâneas de controle sobre o mundo podem ser explicadas a partir de princípios de uma "essência humana", mas apenas a partir de uma análise concreta do desenvolvimento global social que produziu essas calamidades.

Como já foi afirmado, para Dieter Heideman, o fundamento da sociedade moderna está implícito na relação: modernizar é mobilizar, em que cada indivíduo sujeitado às regras da economia de mercado se torna cada vez mais flexível. “Em tempos de colapso, esta situação mostra a sua cara mais cruel. [...] Todas as destruições e toda a barbárie são produtos ‘apenas’ colaterais da busca cega por valorização do capital, núcleo duro da modernização”¹⁷.

¹⁶ Destaque do autor.

¹⁷ Ibid.



Mas o que mais apaixona da/e na sua capacidade de Ser e Pensar é, como afirmei anteriormente, a sua condição do diferente. Na sua singularidade, podemos encontrar a sua relação com a literatura infantil. Dieter Heidemann nos dá uma nova faceta como tradutor dos livros infantis:

1. O Beijo (Valérie d'Heur) - Tradução em parceria com Heloísa Jahn;
2. O urso que queria ser pai (Wolf Erlbruch);
3. Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela. (Wolf Erlbruch);
4. Quando as Cores Foram Proibidas (Monica Feth);
5. Vô, Eu sei Domar Abelhas (Monika Feth);
6. O Ovo que veio do Céu (Angelika Glitz);
7. HEIDEMANN, Dieter; BORATYNSKI, A, F. M. /. O pintor, a cidade e o mar. 1997 (Tradução);
8. HEIDEMANN, Dieter; BORATYNSKI, A, F. M. /. O limpador de placas. 1997 (Tradução);
9. HEIDEMANN, Dieter; ROEHL, R. K. /. Nas nuvens. 1999 (Tradução);
10. HEIDEMANN, Dieter; ROEHL, R. K. /. Orelha de limão. 1999 (Tradução);
11. HEIDEMANN, Dieter; SWOBODA, A, G. A. /. O monstruoso segredo de Lili. 1998 (Tradução).

Na USP, Dieter Heideman dirigiu 23 orientações de Mestrado e 24 orientações de Doutorado, tendo como foco central suas linhas de Pesquisa em: História de Pensamento Geográfico; Mobilidade do Trabalho; Geografia e Literatura e Paisagem. Ver link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002.

Quisera ter aproveitado um pouco mais desse diferencial, como ele afirma em uma dedicatória que escreveu para mim em 1988, “DE IGUAL PARA IGUAL, DESARMADO”, penso que poderemos desfrutar dessa caminhada no chão do Morro da Garça. Em um bom *conversé*, apreciando a paisagem no Morrão.

Digo: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”¹⁸.

¹⁸ FC II p. 46. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Inté mais ver no Morro da Garça, Nhô Dito.



BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

BENJAMIN, Walter. **O Caráter Destrutivo**. In: Rua de Mão Única, Obras Escolhidas II, 5ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1995, pp. 236 e 237.

BEZERRA, Marily da Cunha; HEIDEMANN, Heinz Dieter. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta. In: **Estudos Avançados**, vol. 20, nº 58. São Paulo, Sept./Dec. 2006.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NORVAES, Adalto. et al. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 65-87.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NORVAES, Adalto. et al. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 31-62.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. A volta do Pau-de-Arara como veículo de homogeneização do mercado mundial. A Contribuição da Migração de Retorno para o Desenvolvimento Regional do Sertão Nordestino. In: Revista **GeoNordeste**, março, Ano I, número 1, 1984.



_____. **Bem-me-quer, malmequer. Alemanha. Esquentam os debates sobre a nova legislação para estrangeiros.** Foco - Economia e Negócios. São Paulo: Contraplano, 03 maio de 2004, p. 66-68.

_____. Os migrantes e a crise da sociedade de trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: Serviço Pastoral dos Migrantes. (Org.). **Migrações: discriminação e alternativas.** São Paulo: Paulinas, 2004, p. 25-40.

_____. EPPUR SI MUOVE (apesar das mortes, dos muros, das cercas de arame farpado, das políticas restritivas, da crescente xenofobia, do ódio e da hostilidade violenta contra imigrantes). **Boletim SPM Informa.** Ano 7, Edição 35, setembro 2015.

INUMATTI, Paulo; SEABRA, Manoel; HEIDEMANN, Dieter (Orgs.). **Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros.** São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1. 355p.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização:** da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução de Karen Elsabe Barbosa, 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Para além de Estado e Mercado.** In: Os Últimos Combates. Petrópolis: Ed Vozes, 1997.

_____. **Manifesto contra o Trabalho** - sob o título original Manifest Gegen die Arbeit. Zeitschrift em junho de 1999.

NOVAES, Adauto. Por que tanta Paixão. In: CARDOSO, Sérgio. *et al.* **Os Sentidos da Paixão.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 11-13.